



1° PORTAL • PORTUGAL ONLINE • Nível 1



CRISTINA TAQUELIM

JORGE SERAFIM

SOFIA MAUL

BRU JUNÇA

FERNANDO GUERREIRO

RODOLFO CASTRO

CARLOS MARQUES



SUMÁRIO

Módulo 1	5
PARTE 1: 3 e 10 de março (4h/a)	
O lugar onde moram as palavras	
Formadora: Cristina Taquelim	
PARTE 2: 17, 24 e 31 de março (6h/a)	13
O tempo da palavra demorada	
Formador: Jorge Serafim	
Módulo 2	21
7, 14 21 e 28 de abril (8h/a)	
O poder da escuta	
Formadora: Sofia Maul	
Módulo 3	28
5, 12, 19 e 26 de maio (8h/a)	
EU LIVRO, do verbo livrar - O leitor constrói-se em conjugação com o mundo	
Formadora: Bru Junça	
Módulo 4	
PARTE 1: 2 e 9 de junho (4h/a)	37
Escrita e narração de Micro Contos	
Formador: Fernando Guerreiro	
PARTE 2: 16 e 23 de junho (4h/a)	43
Laboratório de Narração Oral	
Formador: Rodolfo Castro	
Módulo 5	48
30 de junho, 07, 14 e 16 de julho (8h/a)	
Da construção ao ouvido! A preparação de uma sessão de contos	
Formador: Carlos Marques	



Fundada em agosto de 2015 pela artista e arte-educadora Josy Correia, a Escola de Narradores nasce da inquietação, da busca por um espaço de aprendizado alicerçado no acolhimento e na troca de saberes e afetos, inspirados pelas manifestações e tecnologias de tradição oral. Por este motivo, já nasce de um ventre fertilizado pela ancestralidade, focado na experiência da descoberta.

Uma escola de vida que agrega, enxerga, ouve, fala e pensa sobre a vida. Que acredita na ética e na estética humana, e que assim compõe e propõe alimentar, ao mesmo tempo, a nossa sensibilidade sob as asas da poesia.

Somos um acontecimento em constante transformação, como é a arte e a vida. Somos uma escola transcultural, (in)disciplinar e filosófica, com propostas de conteúdos teórico-vivenciais onde são abordadas as narrativas presentes na vida, nas artes e nas ciências, sob um olhar pedagógico orgânico, experimental e investigativo. Uma escola de mestres e mestras do saber oral que propõe um percurso onde vida e arte nunca caminham separados.

APRESENTAÇÃO

Temos como ponto de partida a sensibilização do ver, do ouvir, do sentir e do pensar, oferecendo um espaço de escuta e de experimento, de criação e de partilha, através do diálogo mútuo entre narradores e narrativas orais, e o seu universo intuitivo, investigativo e filosófico.

Atuamos como ferramenta de promoção, dinamização e mediação da leitura, salvaguarda do patrimônio imaterial e difusão de saberes. Temos como missão a formação de contadores de histórias, atores expoentes no desenvolvimento social, cultural, humanitário e educativo de uma comunidade.

Os principais meios utilizados em nossas ações pedagógicas, eventos e atividades abrangem programas de Memória, Comunicação e Artes na formação de nossos educandos através de laboratórios de conteúdos práticos, leituras de mundo e estudos teóricos, pesquisa, produção e atividades complementares abertas ao público como palestras, debates, ateliers, conversas com escritores, cursos livres, rodas de histórias, intercâmbios culturais e residências artísticas, com artistas, mentores e mestres de tradição oral. Visamos proporcionar um espaço de aprendizado humanizado, através da partilha de afetos e saberes, por uma cultura de paz.

Josy Correia e Luciana Costa

O LUGAR ONDE MORAM AS PALAVRAS

CRISTINA
TAQUELIM





Há desafios que chegam em boa hora e este apanhou-me em hora incerta, em tempo incerto, entretida com a vida e atarefada em cuidar do quintal e da CASA.

Aprendi o valor da palavra muito cedo. Vivi numa casa onde a palavra sempre serviu para contar os dias, para pensar os dias. Não sei quando a escutei pela primeira vez. A ser verdade, como alguns estudos tendem a comprovar, o primeiro de todos os sentidos a formar-se é a audição, ainda no ventre da mãe. Por isso imagino que a minha primeira palavra me tenha chegado quando ainda tinha a água como morada e que essa primeira palavra era líquida e rica em afetos. Depois conheci a palavra embalo, cantada e “recontada”, marcando os ritmos do corpo e do crescer, suportada nas vozes que ressoam ainda dentro de mim, vozes que teceram as minhas primeiras emoções, que me estimularam a sensorialidade e espantaram os medos.

A literatura oral, enquanto experiência literária fundamental – literária sem aspas – foi o meu primeiro berço. Nele escutei cantigas de embalar, jogos de dizer, de contar, de nomear, contos cumulativos, contos maravilhosos que, permanentemente recriados, contaminam ainda hoje a minha atividade de mediadora de leitura. Mas iria um pouco mais longe defendendo a literatura oral como uma forma integrada e multidimensional de tocar a criança, pois ela está acompanhada pelo gesto, pelo jogo, pela poesia, pela melodia e também pelo silêncio fundamental à escuta.

Estas linhas revelarão como o meu olhar da Psicologia se foi renovando na relação com o livro para a infância, com a literatura, com os textos do imaterial. Como a minha atividade de bibliotecária, a trabalhar com a palavra, em intervenção precoce, em literacia familiar, em educação de adultos, foram adensando a consciência da dimensão humana e social do trabalho



de mediação. Talvez estas linhas não pretendam mais do que constituir-se como um agradecimento aos mestres, a todos os que nestes quase trinta anos me emprestaram o seu tempo e as suas orelhas e também a cada um/uma de vós que escolheram entrar neste barco e fazer viagem.

Enquanto mediadora da leitura, trabalho com o que nos distingue dos bichos: a capacidade de nomear pela palavra e a capacidade de criar. Trabalho com o eterno da escrita e com o efémero da oralidade. Muitas vezes, com a intuição, com o improvisado, o que torna cada interação irrepitível. Tenho uma pequena mala de objetos narrativos, também livros e que umas vezes são âncora, outras vezes são vela, outras vezes são chave. Sou uma recoletora de histórias de leitura. Guardo um alqueire de histórias de memória e conheço muitas bibliotecas humanas. Gosto de acender o lume e a noite com histórias. Sou muitas vezes uma reparadora de ausências: uma espécie de contadora ou leitora de serviço, em contextos desavindos com a prática leitora, uma espécie de escutadora de aluguer, em contextos de isolamento e solidão. Como as bruxas, tenho o vício das metáforas e da poesia.

Ter uma raiz, oportunidades educativas, artísticas, profissionais desafiantes foram elementos centrais na minha história e na educação do olhar. Ser amada pelos meus, terá sido talvez a vivência mais importante. Ter tido a oportunidade de habitar uma Biblioteca Pública durante quase trinta anos e fazer parte de tantas histórias leitoras e não leitoras, foi talvez a mais impactante: deu-me mundo, horizonte, a exata dimensão do que não sei. Acordou em mim a consciência da dimensão relacional e social do trabalho de mediação e alimentou-me a certeza do potencial da experiência artística como instrumento de transformação dos sujeitos. Também para mim ela foi transformadora. Chegar ao Alentejo, e ali plantar o meu loureiro, possibilitou-me trabalhar com o melhor



que há no mundo, os miúdos e os velhos, e devolver-lhes em dobro experiências com significado.

As minhas incursões nas práticas performativas e criativas possibilitaram-me encontrar um corpo, uma voz, uma identidade. Banhar-me em muitas fontes, permitiu-me, como criadora, mas também como programadora, ganhar consciência da importância da mediação cultural no desenvolvimento dos territórios, na criação de públicos, no possibilitar o acesso a experiências diversificadas que sejam significativas para os diferentes públicos, na saúde emocional daqueles que se deixaram tocar. Se tudo acabasse agora, já teria valido a pena e isso basta-me.

Cristina Taquelim

“

Aprendi o valor da palavra muito cedo. Vivi numa casa onde a palavra sempre serviu para contar os dias, para pensar os dias.

Não sei quando a escutei pela primeira vez.

A ser verdade, como alguns estudos tendem a comprovar, o primeiro de todos os sentidos a formar-se é a audição, ainda no ventre da mãe. Por isso imagino que a minha primeira palavra me tenha chegado quando ainda tinha a água como morada e que essa primeira palavra era líquida e rica em afetos.”

Cristina Taquelim



CRISTINA TAQUELIM é licenciada em Psicologia e Pós-Graduada em Ciências Documentais, foi, entre 1990 e 2020, técnica da administração local - Biblioteca Municipal de Beja José Saramago. Nesta qualidade concebeu e dinamizou programas de literacia familiar/programas de apoio ao desenvolvimento literário de comunidades educativas/programas de desenvolvimento pessoal e de estimulação cognitiva com adultos em situação de exclusão social e seniores. Coorde-

nou, até agosto de 2018, o projeto Palavras Andarilhas, e até janeiro de 2020 os serviços de mediação de leitura desta Biblioteca.

Enquanto narradora, conferencista e formadora, tem participado em inúmeros encontros/projetos em Portugal, Brasil, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Argentina, Macau, México e Espanha.

Trabalha como Narradora Oral desde 1990, tendo participado nos principais Festivais de Narração em Portugal, Espanha e Brasil.

Acredita que ler e contar são formas de desenhar janelas para a diversidade das linguagens do mundo. Também as do mundo interior. A palavra da literatura e da oratura são ferramentas que celebra todos os dias.

Gosta de imaginar bibliotecas sempre cheias, crianças felizes e velhos serenos. Gosta de desenhar lugares onde, em torno das palavras, nos juntamos para celebrar os dias e as horas: jardins, praças, aldeias e largos. Dos contos sabe que os escuta cada vez melhor.



Por ter a cabeça cheia de perguntas, medos e viver quase sempre deslumbrada com a vida, lê, conta – e, às vezes, escreve: Maquiias (Ed. RHJ), Na Minha Casa

Somos Sete (Ed. Pé de Página), Uma Casa na Lua (Paulinas Ed.), Corrupio (Ed. Lê), Uma Avó do Coração (Ed. O a oito), foram alguns títulos publicados.



Sei de um lugar onde moram as palavras. Uns chamam-lhe Memória. Outros chamam-lhe Tempo. Outros ainda Silêncio, pois dizem que dentro do silêncio moram todas as palavras que temos dentro. A narração oral e a mediação são formas de iluminar os caminhos que nos conduzem a esse lugar. Como cúmplices fundem-se na construção dos diálogos entre as histórias escutadas ou lidas e as outras que habitam a experiência do sujeito, sem as quais não acontece a leitura. Nesse sentido, ambas trabalham para a construção de significado.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Nestes encontros, refletiremos sobre o perfil de leitor para o qual queremos contribuir, pensaremos sobre a leitura que queremos promover, enunciaremos as competências que são necessárias mobilizar e as qualidades estético literárias do objeto de leitura.

- ↘ Mediar leitura para a autonomia do sujeito;
- ↘ Dar voz ao inominável, para apoiar a construção de sentido, atividade central na vida de cada sujeito;
- ↘ Textos e contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia, Caminho, Lisboa, 1993.

EQUIPO PEONZA. El rumor de la lectura, Anaya, Madrid, 2001.

O TEMPO DA PALAVRA DEMORADA

JORGE SERAFIM





Não peço mais silêncio do que este...

Conto para que as palavras regressem a casa mais cedo. Para que entre nós deixem de haver vazios difíceis de habitar. Como as aves rumo a um sul à espera de existir. Conto para dar sentido aos passos que faço. Para reaprender a amar todas as ruas que percorro e entender todas as gentes que encontro. Conto para afagar silêncios fundos e afagar tristezas demoradas. Para fazer dos dias a morada da fala e dos meses a terra sonhada. Conto para que tudo à minha volta seja mais bonito. Tão simples de fazer, tão complicado de entender...

Não peço mais silêncio do que este. Quando me permites estendê-lo para lá do visível. Como se o horizonte abandonasse de uma vez por todas o sentido de ser meta e se afastasse definitivamente de um sinónimo adulterado. Linha recta ao fundo do olhar que divide a terra do ar, a água do céu, o quotidiano do sonho. Linha supostamente palpável na ponta dos dedos ou alcançável numa sacrifício extremo de corpo, alma e desafio, refém de adições e subtrações “problematemáticas”.

Creio ainda hoje que pela tua voz leitor/narrador/contador de histórias que, esse moldar do invisível vitaminava a minha vida como o sumo das laranjeiras. Porque o fim era o infinito sentado na soleira da porta a orquestrar o imaginário dentro de mim. Eras árvore quando me contavas histórias dos tempos que já lá vão transformados em tempos que sempre serão. Simultaneamente, passado, presente e futuro tornavam-se intemporais. Homónimos. As sombras tomavam forma, os mortos ganhavam vida e os corações tomavam a eternidade como garantia.



Todo o teu corpo falava. Os braços pareciam ramos a gesticular coisas ao vento. Os teus olhos acendiam-me um céu sempre que abrias uma porta usando a chave “Era uma vez”, prenúncio de uma longa viagem a um tempo e espaço absolutamente internos. As tuas narrativas criavam raízes no meu sonhar. Via-me dentro dos contos dialogando com as personagens, tecendo enredos, conhecendo lugares e às vezes, ingenuamente, tentando alterar o rumo da história. Contigo, as palavras não me apressavam para um sentido obrigatório. Tinham cor, volumetria, textura, não eram mudas. Era a melodia, a mediação, o berço da leitura, o nascer de um pensamento, o germinar dos significados, a expressão da emoção. A familiaridade com um admirável mundo novo nomeado e identificado pela riqueza da linguagem. Pelo sumo líquido da linguagem. Depois... Interação, angústia/aspiração, amor/ódio, generosidade/avareza, humildade/arrogância.

Hoje não peço mais silêncio do que este. Tenho a certeza de que ouvir um conto é saber aguardar pelo tempo das laranjeiras em flor.

Jorge Serafim

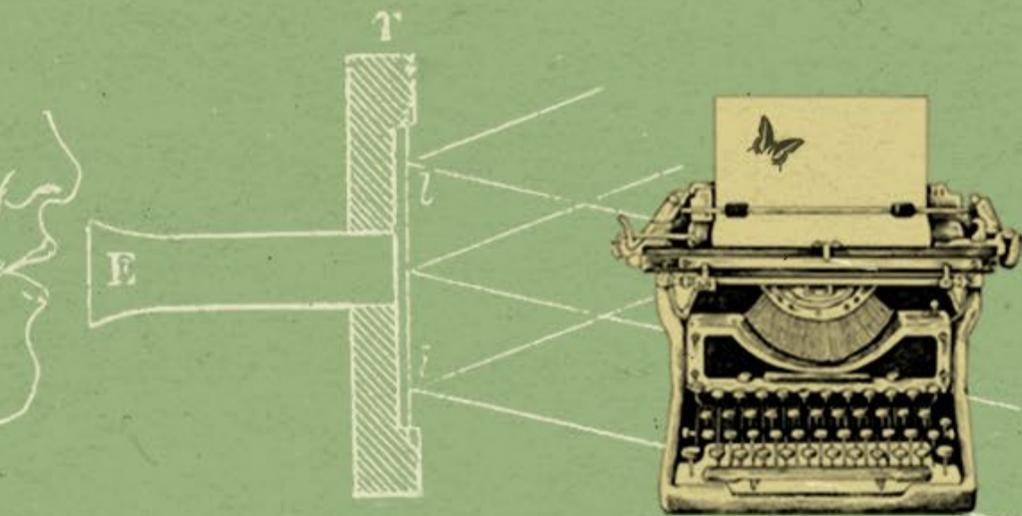
“

*Conto para que as palavras regressem a casa mais cedo.
Para que entre nós deixem de haver vazios difíceis de habitar.
Como as aves rumo a um sul à espera de existir.*

*Conto para dar sentido aos passos que faço.
Para reaprender a amar todas as ruas que percorro
e entender todas as gentes que encontro.*

*Conto para afagar silêncios fundos e afagar tristezas
demoradas... Não peço mais silêncio do que este.”*

Jorge Serafim





O TEMPO DA PALAVRA DEMORADA

J O R G E S E R A F I M

JORGE SERAFIM é autor/contador de histórias. Foi funcionário da Biblioteca Municipal de Beja durante 11 anos no sector infanto-juvenil, desenvolvendo funções na área da narração oral e na da mediação do livro e da leitura.

Como narrador de contos tradicionais e promotor do livro e da leitura, atividade que vem exercendo já lá vão aproximadamente 25 anos, destaca as inúmeras escolas, bibliotecas públicas e municipais,



prisões, centros de dia, festivais de teatro, feiras do livro, centros culturais, que vem percorrendo de norte a sul do país levando a arte milenar da palavra nua e crua e ao mesmo tempo imaginária deliciosa e doce a quem a queira ouvir. A salientar também as oficinas de mediação de narração oral e mediação de leitura que tem efetuado para as Associações de Pais, Professores e educadores e seminários subordinados à mediação de leitura.

Destaca enquanto contador de histórias a participação na: Feira do livro de Buenos Aires, Cabo Verde (Ilha de Santiago e São Vicente), Luxemburgo, Suíça, Estados Unidos, Festival de Cuentos por La Paz em Montevideo, Festival de Cuentos Los Silos em Tenerife.

A convite do Instituto Português do Oriente, duas deslocações a Macau. É membro do grupo musical “Tais Quais”, conjuntamente com grandes nomes da música portuguesa: Tim, João Gil, Vitorino, Vicente Palma, Paulo Ribeiro, Celi-
na da Piedade, Sebastião Santos.



Autor de vários títulos: “O Corvo Branco”, teatro para a infância; “O amor é solúvel na água”, teatro; “A. Ventura”, poesia, edição de autor; “A Sul de Ti”, poesia, edição de autor; “Estórias do Serafim”, humor, texto editores; “Sonhar ao Longe”, infantil, edições OPERAOMNIA; “A Minha Boca Parece um Deserto”, infantil-juvenil, edição de autor; “Não há seda nas lembranças”, romance, Âncora Editora 2015; “O Afinador de Memórias”, infanto-juvenil, texto e ilustração, edição de autor 2017; “Amar à Vista”, infanto-juvenil, texto e ilustração.

Como humorista/Stand Up Comediant, tornou-se conhecido do grande público devido à sua participação regular em programas de televisão dos quais, há a destacar: Levanta-te Ri no canal SIC, Fátima Lopes no canal SIC, Sempre em pé na RTP2, Sexta à Noite na RTP1,

Portugal Sem Fronteiras na SIC Internacional, Portugal no Coração na RTP1.

Define-se como um esmerado cozinheiro nas artes da boa-disposição. Narrador de histórias rocambolescas onde habitam personagens caricatas em situações que nem lembram ao diabo, gosta de as temperar com uma pitada de absurdo e mais duas de imprevisto. Depois de a elas lhes tomar o gosto, refoja-as com muita sátira aos bons, maus e piores costumes, não se lhe escapando nada nem ninguém pelo buraco de uma agulha. Arremata o succulento cozinhado com um polvilhado de Stand Up Comedy.

Como artista plástico fez exposições com o livro “O Afinador de Memórias” texto e ilustrações de minha autoria, edição de autor em 2017 e esteve presente diversas Bibliotecas Municipais e Feiras de Livros.



Nos dias que correm, e é sempre importante salientá-lo, não é só a informação que corre a uma velocidade estonteante. Paralelamente a esta panóplia de veículos de divulgação mediática decorre uma incompreensão alucinante da descodificação dessa mesma informação. Cada vez mais vemos e não questionamos. Desconhecendo toda a extensão da língua que usamos diariamente reduzimos o nosso espaço sensorial a apenas um sentido, o olhar. O olhar torna-se assim no único leitor da linguagem diária, a do marketing e da publicidade. Exilamos a riqueza da língua para um compartimento onde nem a memória tem ordem de entrar.

Ao fazermos da língua um vago acessório e não o grande veículo de comunicação entre os cidadãos não nos damos conta de que estamos a matar o tempo que devemos dedicar a uns e a outros. Falar pressupõe ouvir. Ouvir pressupõe atenção, concentração. Falar e ouvir, escutar e dialogar são as duas condições necessárias para a compreensão do Outro. Significa que será nas diferenças que nos aceitamos. A compreensão necessita de sentidos despertos, permanentemente ativos. Que despertam atitudes de reflexão permanente e de constante interrogação sobre o meio que nos rodeia.

Contar é o ato de apagar fronteiras. De separar o que importa do que não. Talvez o contador de histórias seja o último reduto da utopia. O homem que pela palavra encontra semelhanças que diluem as ignorâncias invasivas.



CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- ↘ Em nós o simbolismo dos contos de tradição oral, exercícios;
- ↘ Técnicas de narração, corpo, voz, espaço e contexto;
- ↘ Mediação leitora, o livro como suporte e ferramenta;
- ↘ O narrador enquanto leitor do público que o escuta;
- ↘ Ferramentas para chegar ao ouvinte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TRAÇA, Maria Emília. O Fio da Memória, Do conto popular ao Conto para Crianças. Porto: Porto Editora, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. Psicanálise dos contos de Fadas. Lisboa: Bertrand Editora, 1985.

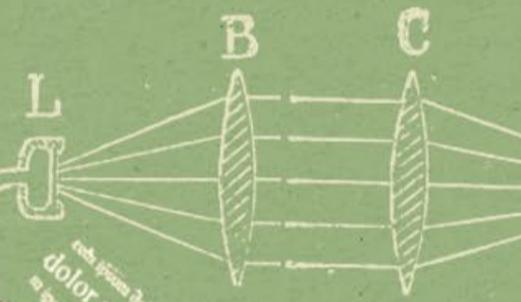
MARINA, José António; VÁLGOMA María De La. A Magia de Ler. Porto: Editora Âmbar.

RIEMEN, Rob. Nobreza de Espírito, Um ideal Esquecido. Lisboa: Bizâncio, 2011.

DEBORD, Guy. A sociedade do Espectáculo. Lisboa: Edições Antígona, 2021.

O PODER DA ESCUTA

SOFIA
MAUL



quendam (ut dixi) teretem, revolvibilem cum
tiendis inservientem, ad cuius medium locum
trum est) Cylindrum apud G sibi Orthogonaliter
tro magnitudinis, prout ipse Axis. Attolendus au
ran sit, Meridiano, donec in ejus Divisionibus, qu
V supra & infra, complementum Altitudinis
ridiani aequidistans, sive illud utrobiq; lenite
linationibus inservire dixi, per N M O exp
ri potest, & rursus intra hunc in quascunq; p
andæ situs requirit. In duobus autem locis, ut
nullam, quo Aequatori deputatur, pertran
ntem ipsos Gradus & Minuta aequatoris ut
continet etjam sua pinnacidia in qu
M & O exprimuntur: in quib
one ab altera parte Ax



....Carta de boas-vindas....

Vivemos nestes tempos uma enorme e profunda crise de escuta e desde há alguns tempos que me apercebi que, se tenho alguma missão como contadora de histórias, uma delas é esta preocupação com ajudar a regressar à escuta.

Não são só as crianças, que nascem já com os dedos e os olhos colados a ecrãs onde o conteúdo tem uma duração máxima de 60 segundos que não ouvem. Somos todos nós.

Através das histórias podemos voltar a ouvir-nos a nós mesmos, a ouvir verdadeiramente as dores e os anseios de quem nos rodeia, ouvir os guinchos angustiantes e os suspiros pacientes da mãe natureza... com a esperança que essa escuta nos encaminhe para um futuro com mais compaixão, respeito e serenidade.

Parece um paradoxo, mas não nos calemos nesta busca pela escuta!

Sofia Maul



“

Só contamos se deixarmos o que escutamos
entrar verdadeiramente e fazer eco na nossa história.”

Sofia Maul



SOFIA MAUL é uma contadora de histórias bilíngue a viver na Madeira. Nasceu nesta bela lha e teve a sorte de crescer a ouvir as histórias que os seus quatro avós, todos de origem diferente, contavam (inglês, alemão, sueco e californiano).

Teve uma infância cheia de caminhadas nas montanhas e mergulhos no mar, ténis e natação e observação de aves em abundância. Passou uma temporada na Universidade de Coimbra a estudar Letras (Inglês e Alemão) para

tornar-se tradutora e, de seguida, uma mudança de caminho para poder ajudar pessoas (depois de 2 anos como voluntária na Cruz Vermelha): mudou-se para Lisboa e tornou-se terapeuta da fala, trabalhando principalmente com crianças surdas e multilíngues.

Em 2004, depois de ouvir um serão de contos, começou um ciclo de formações com atores e contadores de histórias profissionais na Biblioteca Municipal de Oeiras, que, em 2006, resultou na criação de uma associação cultural sem fins lucrativos: os Contabandistas - um grupo de cinco contadores de histórias todos de diferentes origens muito ativos na promoção de contadores de histórias e da narração oral como forma de arte performativa contemporânea.

Com a Associação Cultural Contabandistas de Estórias, organizou pela primeira vez em 2012 o Terra Incógnita - Festival Internacional de Contos de Lisboa, que vai na quarta edição e apresenta narradores convidados nacionais e internacionais

para mais de mil participantes ao longo de um fim de semana cheio de histórias.

Em Setembro de 2016 organizou com a Associação Musical e Cultural Xarabanda o primeiro festival de narração oral da Madeira, EVA, Era uma Vez no Atlântico, integrado numa rede de festivais de narração da orla atlântica que incluem o Atlantica na Galiza, o Terra Incógnita em Lisboa, o Conto Contigo na Praia na Terceira e Rencontres de l'Imaginaire na Bretanha.

Coordena desde março de 2015 uma tertúlia de cantigas tradicionais semanal onde todos são bem-vindos para cantarmos juntos reforçando assim o espírito de comunidade e memória partilhada

que a memória colectiva e a partilha de afetos proporciona.

Conta histórias em bibliotecas, escolas, feiras de livros, castelos, bares, festivais, praças, campos de golfe, restaurantes, teatros, terraços, aeroportos, grutas e praias, por todo o país e até no exterior em festivais internacionais de storytelling na Alemanha, Irlanda, Inglaterra, Itália, Bélgica, Espanha e Polónia.

As suas histórias vêm de perto e de longe, mas as que ela mais gosta de partilhar são as que vêm da pequena ilha no meio do Atlântico, para onde voltou depois de 20 anos a viver fora, para abraçar família e amigos, para contar e recolher histórias e também para plantar dragoeiros e fotografar muito.

COMO POSSO CONTAR SE NÃO ESCUTAR?

Somos histórias, e também somos esponjas de estórias... E é assim que nos conectamos e nos partilhamos. Só contamos se deixarmos o que escutamos entrar verdadeiramente e fazer eco na nossa história. Assim somos nós, contadores, e assim é quem nos escuta.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- ↘ O poder da escuta;
- ↘ A fala da escuta e a escuta da fala;
- ↘ O ouvir e o contar na performance do narrador;
- ↘ Exercícios para ampliar a escuta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOHNSTONE, Keith. Impro for Storytellers. Londres: Routledge, 1999.

SALINSKY, Tom; FRANCES-WHITE, Deborah. The Improv Handbook. Londres: Bloomsbury Academic, 2008.

CARTER, Angela. Angela Carter's Book of Fairy Tales. Londres: Virago, 2005.

MAITLAND, Sarah. Gossip from the Forest. Londres: Granta Books, 2012

POWERS, Richard. The Overstory. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2018.

RAMSDEN, Ashley; HOLLINGSWORTH, Sue. The Storyteller's Way. Stroud: Hawthorn Press Ltd.

YOLEN, Jane. Favorite Folktales from Around de World. Nova Iorque: Pantheon, 1986.

EU LIVRO, DO VERBO LIVRAR – O LEITOR CONSTRÓI-SE EM CONJUGAÇÃO COM O MUNDO

BRU JUNÇA



...teretem, revolvibilem cum Armilla...
...ad ejus medium locum (quod estiam omnium A...
...est) Cylindrum, p[er] Q sibi Orthogonaliter...
...magnitudinis, prout est Axis. Atrolendu...
...Axis est in solo, quem...
...transit, Meridiano, donec...
...ejus Divisionibus, quae...
...minuta...
...V supra & infra, completentum Altitudinis Poli...
...loci contingat;...
...Meridiani aequidistans, sive...
...Interior...
...lationibus inservire dicitur...
...M & O exprimentur: quae etiam...
...ri potest, & rursus intra...
...prout itella obfer...
...anda situs requirit. In duobus autem locis, ubi alteram...
...millam, quo Aequatori desutatus, pertransit, hinc...
...ntem ipsos Gradus & Minuta aequales utrinque, jam v...
...ntinet etiam suam pinnaculam in quatuor loc...
...M & O exprimentur, in quibus...
...que ab altera parte A...



Carta de Boas Vindas aos alunos

Nasci em Évora num domingo e talvez, por isso, seja dada ao vagar. Vivi na rua onde morou Florbela Espanca. Gosto da côdea do pão acabado de cozer. A minha casa ficava por cima da minha primeira escola. Rua abaixo, rua acima fui apre(e)ndendo o mundo.

Aprendi matemática com a maquia gasta, todos os dias, na mercearia do Sr. Ângelo. Percebi que o caminho dói quando o Sr. Moreira me punha meias solas nos sapatos, gastos pela brincadeira. Aprendi a escutar, ouvindo as estórias da vizinhança contadas pela D. Vicência e pela D. Victória.

Tive um grilo e dois canários. Aprendi o cuidar e o dizer adeus. O cheiro a café devolve-me a casa. Não gosto do frio nem da chuva. São os pássaros que acordam a manhã à minha janela. O meu primeiro brinquedo foi uma máquina registadora mas troquei as contas à vida por notas de contos.

Não resisto a figos. Quis ser professora. Aos 18 anos, Lisboa foi-me demasiado barulhenta. Faltavam-me os “Serões da Província”. Formei-me na Universidade de Évora. Continuo a enviar postais, escritos à mão. As manhãs deviam ser longas em conversas e as noites entrarem pelas madrugadas adentro.

Numa cozinha aprendi a contar grãos. Contar o tempo. Contar a vida. Adoro Açorda de Alho. Coleciono relógios, fotografias e porta-chaves. Acareio tudo quanto é memória. Ganhei uma medalha num campeonato de xadrez. Não vivo sem livros. Sou mediadora de leitura. Conto histórias.

Viajo muito ao redor de mim nas viagens que faço pelo mundo. Tenho mãos inquietas. Faço livros de pano e pastéis de nata. Tenho o vício dos



livros antigos. Conservo ainda um sonho de menina. O lume de chão é-me companhia. Agora estou a aprender a fazer malha e assim (me) sigo...

Neste tempo adverso e inúmeras contingências, a palavra toma um lugar de assertividade. Encontro. E ponte. Entre nós. Para com o mundo e para com o outro. E é na crença da fortaleza que esta ponte pode ser que abraçei este projeto. A palavra une, desembaraça e abraça. Obrigada e sejam todos bem-vindos a esta minha janela, da casa que sou e onde habito, entre folhas. Escritas. Ilustradas. E brancas, onde me posso escrever à medida que me vou sabendo ler.

Bru Junça

“

Neste tempo adverso e inúmeras contingências,
a palavra toma um lugar de assertividade. Encontro.
E ponte. Entre nós. Para com o mundo e para com o outro.
A palavra une, desembaraça e abraça.”



Bru Junça



BRU JUNÇA é licenciada em Educação de Infância pela Universidade de Évora e Pós-Graduada em Livro Infantil pela Universidade Católica de Lisboa.

Como mediadora de leitura e contadora de histórias ingressou em vários encontros quer nacionais quer internacionais, tanto a nível performativo como formativo num trabalho direcionado para vários tipos de público e faixas etárias.

Procura projetos de leitura em contextos sócio-económicos mais precários, lugares onde o encontro com a leitura faz a diferença.

Em Cabo Verde foi parte integrante do projeto que, envolvendo várias parcerias, implementou as primeiras 9 Bibliotecas Escolares de Cabo Verde, na Ilha de Santiago. Projeto que está em vias de ser alargado a outras ilhas.

Em Moçambique, no projeto “Mamãs em Movimento” levado a cabo pela associação AIDGlobal ingressou como educadora, formadora e mediadora de leitura. Um projeto feito para e com a comunidade.



Prestou formação aos Educadores Comunitários e ao grupo de Mamãs em Movimento, jovens mães ao serviço da comunidade. As quais, neste projeto, têm como intuito levar a leitura em bibliotecas móveis e actuarem junto das suas comunidades. Bibliotecas construídas para e com a comunidade, usando os recursos disponíveis.

Em Angola, como mediadora de leitura e contadora de histórias fez parte de um projeto social - Projeto Cuerama - que numa zona sul do interior de Angola tem construído as estruturas básicas necessárias



para a sustentabilidade de uma aldeia bastante isolada. A escola, uma dessas estruturas, na qual participei com sessões de contos e de leitura.

No tempo da pandemia Covid-19 foi responsável pela Hora da Leitura do 1º e 2º Ano de Escolaridade no Estudo em Casa, transmitido pela RTP Memória.



As Palavras que embalam o primeiro sono, que acalmam o choro e que provocam os primeiros risos intencionais estão entrelaçadas em afeto. Pertencem ao cordão umbilical - família. A raiz da identidade. E, como tal, traçam um mapa de emoções e dão acesso ao código simbólico que é a Língua. Primeiro pela escuta, depois pela progressiva apreensão da Língua através da sua experimentação. É um processo construtivo que está assente numa matriz cultural bastante vincada.

Neste primeiro tempo de vida, a escuta é essencial. E os primeiros textos vêm dessa matriz cultural, desse lugar de património imaterial que se mantém vivo pela Língua falada. Os avós/pais são livros na primeira voz e guardiães de uma identidade cultural. É importante mergulharmos neste manancial das canções de embalar, lenga-lengas, rimas, rezas ditas à boca do berço para percebermos como estes textos, a sua musicalidade, a sua construção frásica levam a uma apropriação da Língua Materna por parte do bebé.

Com o Brincar chegam outros textos, outras intenções na palavra dita. Acontecida em gestos. As canções de roda, os ensalmos, as lengalengas de uma outra estrutura frásica mais complexa, os trava-línguas e as adivinhas. É importante pensar neste brincar em diferentes contextos sociais e culturais.



CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Onde mora a palavra escrita e lida em lugares onde o livro é um objeto quase inexistente? Partilhar possíveis caminhos para chegar(mos)... Refletirmos a importância que a comunidade (deve) adquirir na formação de um leitor, com competências. E o quanto a leitura pode ser uma janela para um novo mundo a acontecer lá fora. As questões que se levantam, em cada lugar, serão as mesmas? Qual o papel de um mediador? Que leituras? Que livros?

Nascemos, e até morrermos somos seres em permanente construção. Leitor é um processo acumulativo que começa no berço, nesse vínculo emocional, cultural e social integrante de uma Língua. A Família, a Escola e a Comunidade são os três pontos que desenham essa construção de um leitor. É necessário olhar cada contexto, entender e procurar pontes, entre textos, que permitam realizar um trabalho consciente e competente para que a leitura aconteça. Sessões que permitirão refletir sobre todas estas questões e, nas quais, traremos livros e textos que constroem um leitor.

- ↘ O primeiro contacto com a palavra nascida da oralidade é palavra que abre a porta da Língua Materna e da cultura onde a criança nasce: A voz de quem cuida e embala como o fio que conduz o bebé nos primeiros textos aos quais tem acesso;
- ↘ Os textos tradicionais marcados culturalmente e com o registo geracional familiar e os primeiros textos, além da oralidade que surgem em livros pensados para nomear;
- ↘ Livros que colocam o bebé em espelho e abrem o diálogo entre adulto e bebé;



- ↘ O contacto com o livro e o ato da leitura desde tenra idade como facilitador e determinante para a construção de um leitor autónomo e crítico;
- ↘ Textos e contextos adversos;
- ↘ Lugares onde não há livros, que leituras fazer?
- ↘ O mediador de leitura como um construtor de pontes, para o mundo, para o outro e para si mesmo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

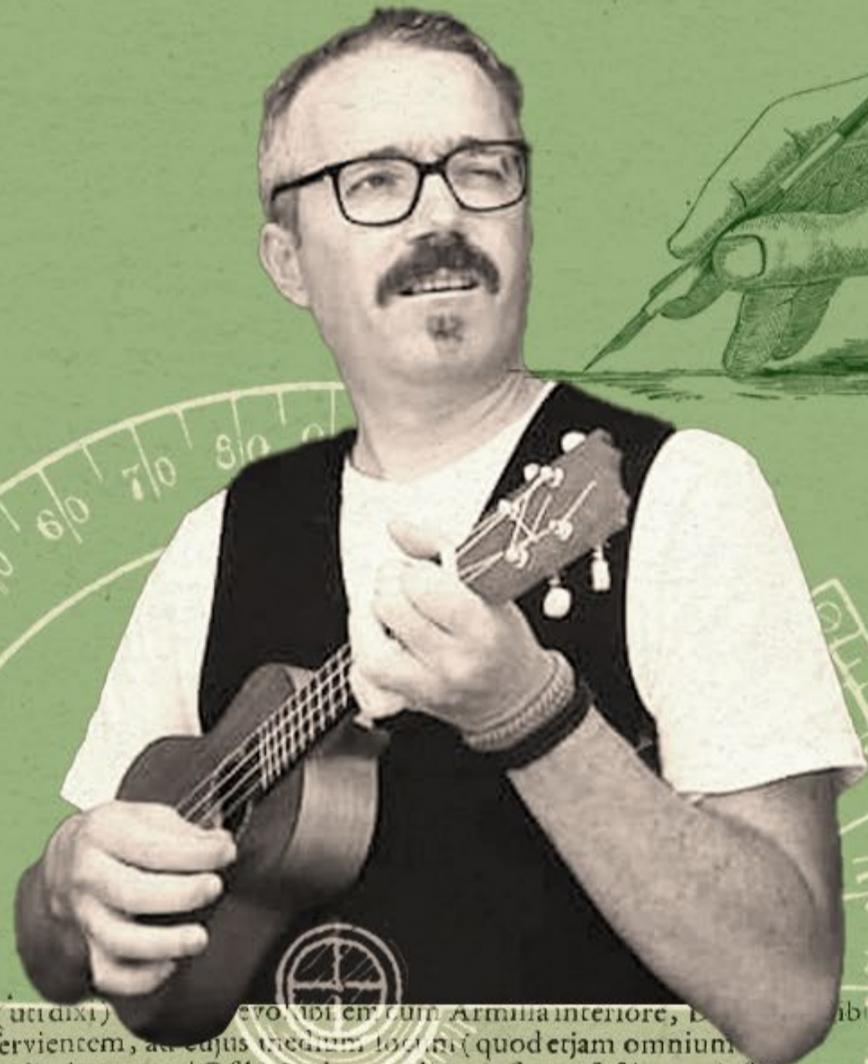
COLOMER, Teresa. Introduccion a la literatura Infantil y Juvenil. Madrid, Sintesis, Maio de 1999;

COSTA, Maria José. As rimas infantis. Porto, Porto Editora, 1992;

PARRA, Evélio Crabrejo, Lengua oral: destino individual y social de las niñas y los niños. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, Abril 2020.

ESCRITA E NARRAÇÃO DE MICRO CONTOS

FERNANDO GUERREIRO



quendam (uti dixi) ... Armilla interiore, ...
tiendis inservientem, ad cuius medium, locum (quod etiam omnium
trum est) Cylindrum apud G sibi quocumque qualiter infixum sustinet, ejusdem
tro magnitudinis, prout ipse Axis. Attolendus autem Axis cum ipso, quem
er, Meridiano donec in suis Divisionibus, quæ singula habent minuta,
a & ...
rid ...
lin ...
e dixi, per NMO exprimitur: quæ etiam aliqua
& ...
tra hunc in quasunque partes circumvolv
In ...
bus autem locis, ubi alteram ipsi ad an
millam, ...
Equatoris deputatur, pertransendo ambit, habet ex
ntem ipsos Gradus & Minuta Equatoris utrinque, tam videlicet
ntiner etiam sua pinnacida in quatuor locis
M & O exprimuntur: in quibus rim
que ab altera parte Axis

“

Não vos irei ensinar verdades absolutas sobre nada, para isso já está o inferno cheio de pessoas carregadas de certezas. O que irei fazer, será partilhar convosco as minhas dúvidas, ideias e algumas das portas e janelas por onde costumo espreitar no momento em que escrevo os meus textos.”

Fernando Guerreiro





Caros alunos,

Espero por vós para uma sessão de partilha de ideias sobre o que é escrever histórias breves. Ao longo deste módulo iremos percorrer o caminho que leva ao despoletar da criação de histórias, sejam elas curtas ou longas. A ideia desta formação é desconstruir alguns mitos em torno da produção literária. Ao derrubar muros e barreiras, será mais fácil deixar fluir as ideias e permitir que as palavras dêem as mãos e possam dançar em frente dos nossos olhos. Não vos irei ensinar verdades absolutas sobre nada, para isso já está o inferno cheio de pessoas carregadas de certezas. O que irei fazer, será partilhar convosco as minhas dúvidas, ideias e algumas das portas e janelas por onde costumo espreitar no momento em que escrevo os meus textos. Até breve.

Beijos e abraços grandes e redondos,

*Fernando Guerreiro
O gajo dos Micro Contos*



FERNANDO GUERREIRO nasceu a 25 de abril de 1976, em Beja. Viveu em Odemira durante 22 anos e, desde 2002, reside em São Brás de Alportel. Possui a licenciatura em Estudos Artísticos e uma pós-graduação em Promoção e Mediação da Leitura. Antes de se dedicar

à escrita e à narração oral, trabalhou em teatro, onde teve a oportunidade de receber ensinamentos preciosos que lhe inculcaram a técnica, ética e estética necessária para a apresentação e entrega de textos aos espectadores que disponibilizam o seu tempo e ouvidos para escutar histórias.

Na primavera de 2015, editou o livro *Ficou tanto por dizer*, e estreou a sua primeira peça de teatro, *Todos caminhamos para lado nenhum*, levada à cena pelo grupo TEAS13. Para terminar 2015 em grande, lançou a Oficina Escrita de Micro Contos. No ano de 2017, estreou o espectáculo *Micro Contos 2.0*, em parceria com Elísio Donas, teclista dos *Ornatos Violeta*. Em 2018 editou 4 novos livros: *Micro Contos de Amor*, *Micro Contos de Morte*, *Micro Contos de Estimação* e *Micro Contos Sazonais*.



CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Nestas duas sessões de partilha de ideias sobre o que é escrever e narrar histórias breves, iremos percorrer o caminho que leva ao despoletar da criação de histórias, sejam elas curtas ou longas. A ideia é desconstruir alguns mitos em torno da produção literária e da narração de Micro Contos. Ao derubar muros e barreiras, será mais fácil deixar fluir as ideias e permitir que as palavras dêem as mãos e possam dançar em frente dos nossos olhos.

- ↘ Abrir a caixa de ferramentas das letras;
- ↘ Desenferrujar o Português;
- ↘ Afinar e lubrificar a criatividade para a escrita de histórias;
- ↘ Micro Teoria antes de se arrancar para a escrita e narração de micro narrativas: o que são, de onde vêm e para onde nos pode levar este género de criação literária;
- ↘ Massa Consistente após ser tratada a teoria: hora de se colocar as mãos na massa e começar de imediato a escrever e a narrar Micro Contos;
- ↘ Ignição – ferramentas de arranque para a escrita de micro contos;
- ↘ Acelerador – instrumentos para o estímulo da criação de micro narrativas;
- ↘ Caixa de Velocidades – os Micro Contos na oralidade e outras dimensões;
- ↘ Exercícios para a melhorar a qualidade e velocidade da escrita e a estimular a criatividade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORKÉNY, István. Histórias de 1 Minuto. Lisboa: Cavalo de Ferro, 1966.

GUERRA, Tonino. Histórias para uma Noite de Calmaria. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

GUERRA, Tonino. O Livro das Igrejas Abandonadas. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

GALEANO, Eduardo. O Livros dos Abraços. Lisboa: Antígona, 1989.

GUERREIRO, Fernando. Ficou tanto por dizer. Edição de autor, 2015.

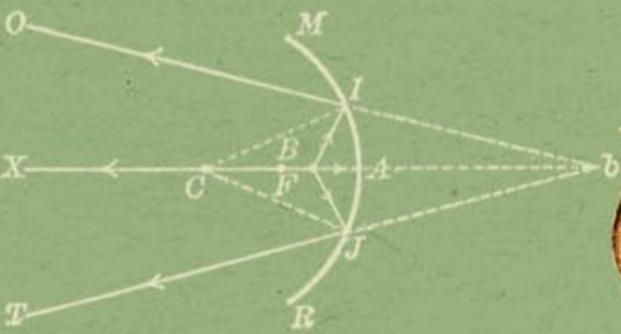
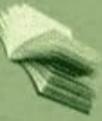
ÁLVARES, Cristina; KEATING, Maria Eduarda. Microcontos e outras microformas : alguns ensaios. Braga: Húmus/Universidade do Minho. 2012. <http://hdl.handle.net/1822/20522>

PIRES, Paulo. Antologia de micro-ficção portuguesa: 24 vozes para 24 cigarros. Portugal: Paulo Pires. Em https://issuu.com/esteoficiodepoeta/docs/antologia_nanoescritas/152.

LABORATÓRIO DE NARRAÇÃO ORAL

RODOLFO CASTRO

LEI T
V C B
M
N
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z



evolvitur cum Armilla interiore, Declinationib;
ejus medium locum (quod etiam omnium Arr
apud G sibi Orthogonaliter infixum sustinet, ejusde
ut ipse Axis. Attolendus autem Axis cum ipso, quem Dian
nec in ejus Divisionibus, quæ singula habent minuta,
plementum Altitudinis Poli ejus loci contingat, f
ns, sive illud utrobique leniter contingens. Interior v
servire dixi, per N M O P exprimitur: quæ etiam aliqua
rursus intra hunc in quascunque partes circumvolvi, prout itella obfu
quirit. In duobus autem locis, ubi alteram ipsi ad an
miam, quo A equatori deputatur, pertransendo ambit, ha
ntem ipsos Gradus & Minuta æquatoris utrinque, tam videli
ontinet etiam sua pinnacidia in quatuor locis
M & O exprimuntur: in quibus rim
que ab altera parte Axis

a^2	A	a
b^2	B	b
c^2	C	c
	D	
	E	
	F	
	G	
	H	
	I	
	J	
	K	
	L	
	M	
	N	
	OP	
	QR	
	S	
	T	
	UV	
	W	
	YZ	

“

Seja qual for o texto, oral ou escrito, a partir do qual
obtenhamos as nossas histórias, teremos de ingressar nele
com todos os nossos sentidos, para que ele possa ingressar
em nós e permitir que encontremos os seus significados.”

Rodolfo Castro





Ler é um lugar onde morar, um sitio habitável. A leitura emerge na atualidade como um espaço de criatividade e resistência aos modelos consumistas que deturpam as culturas do mundo e que transformam tudo em mercância.

Ler é difícil e desafiante e muito além de chegar a ser uma atividade prazerosa é no contexto atual absolutamente necessária.

A leitura fragmentária à qual nos habituam as redes sociais estimula pensamentos fragmentarios, terreno fértil para a desinformação e a manipulação.

Do meu ponto de vista, a melhoria na nossa prática de leitura em voz alta não passa simplesmente por aprender técnicas, exige do leitor um olhar apurado e a compreensão do que lê e o porque lê.

O caminho para uma leitura em voz alta eficaz e comovente passa pela compreensão do texto e a interpretação das palavras, não só no seu sentido literal.

Entender é dar sentido, é opinar, é comprometer-se com o valor simbólico do texto. Só quando esse passo é dado é que as técnicas acodem para ajudar na representação.

A leitura em voz alta é um acontecimento coletivo onde convivem todos os mundos possíveis e impossíveis. É uma oportunidade ora para a distensão e a calma ora para a provocação e o conflito, sempre dentro do marco protetor da literatura.

Bem-vindos.
Rodolfo Castro



RODOLFO CASTRO nasceu na Argentina, renasceu no Uruguai, fez metamorfose no México e voltou à vida em Portugal, onde reside atualmente. Diplomou-se como professor de ensino básico em 1986. É contador de histórias profissional desde 1993 e define-se o pior contador de histórias do mundo.

Antes, trabalhou como pedreiro, carteiro, sapateiro e vendedor am-

bulante. Tentou futebol, atuação cênica e teve uma banda de música. Vendeu postais de natal nas ruas de Buenos Aires e artesanato no México.

Formador creditado nas áreas da literatura e da narração oral, é mediador de leitura em voz alta e mediação leitora.

Como autor independente, escreve, ilustra, edita e publica as suas obras. Com livros editados em Portugal, no Brasil, no México e na Espanha, possui mais de quinze títulos publicados para a infância e juventude, além de ensaios, ficção e teoria sobre a leitura em voz alta e a narração oral. O seu livro *Habitar o som: retrato falado da leitura em voz alta*, recebeu o selo de recomendação LER+ do Plano Nacional de Leitura de Portugal - PNL2027.



Este laboratório de narração oral propõe uma reflexão sobre a escolha de repertório e dos elementos essenciais para a narração de histórias de acordo com a personalidade de cada narrador, com a orientação individual prévia dos contos eleitos pelo alunos para a sessão online de conclusão da formação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- ↘ Laboratório experimental e prático para a escolha e a preparação de contos;
- ↘ Habitar o conto: da leitura em voz alta à performance narrativa;
- ↘ Definição de repertório e preparação do conto para a sessão de conclusão com orientações individuais voltadas para o desempenho pessoal de cada aluno e de sua performance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Rodolfo. Habitar o som. Retrato falado da leitura em voz alta. Lisboa: Edição de autor. 2019.

Guia Experimental para a Leitura em Voz Alta. Sertão: Editora Boca, 2021.

BAEZ, Fernando. História Universal da Destruição dos Livros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CAMPBELL, Joseph. O Herói das Mil Faces. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

ONG, Walter J. Oralidade e Escrita. São Paulo: Papyrus, 1998.

DA CONSTRUÇÃO AO OUVIDO! A PREPARAÇÃO DE UMA SESSÃO DE CONTOS

CARLOS MARQUES



abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

cum Armilla interiore, Declinationib
entem, ad ejus medium
um (quod etiam omnium Arr
n) apud G sibi Orthogon
ter infixum sustinet, ejusder
anitas, prout ipse Axis. Attolend
tutem Axis cum ipso, quem Dian
Divisionibus quae singula habent minuta,
Altitudinis Poli ejus loci contingat;
ridiani aequidistans, sive illud utrobique
inter contingens. Interior v
Declinationibus inferore dixi
P exprimitur: quae etiam alicua
potent, & rursus intra hunc in quascunque partes circumvolvi, prout Stella obser
tus requirit. In duobus autem locis, ubi alteram ipsi ad ang
lam, quo Aequatori deputatur, pertransendo ambit, ha
os Gradus & Minuta aequatoris utrinque, tam videlicet
ontinet etiam sua pinnacidia in quatuor locis
M & O exprimuntur: in quibus rim
que ab altera parte Axis

DA CONSTRUÇÃO AO OUVIDO!
A PREPARAÇÃO DE UMA SESSÃO DE CONTOS

CARLOS MARQUES

“

*Junto-me nesta viagem onde tentaremos percorrer
caminhos comuns sem saber em qual porto atracar.
A espuma dos dias que não nos deixa ver o fim
será sempre o caminho mais acertado.”*

Carlos Marques





DA CONSTRUÇÃO AO OUVIDO! A PREPARAÇÃO DE UMA SESSÃO DE CONTOS

CARLOS MARQUES

Caros mestres da curiosidade, ou alunos, ou escutadores...ou sei lá!

É com enorme prazer que me junto nesta viagem onde tentaremos através da Escola de Narradores online percorrer caminhos comuns sem saber em qual porto atracar. A espuma dos dias que não nos deixa ver o fim será sempre o caminho mais acertado. Nunca pensei que o trabalho online pudesse acontecer na minha vida, mas hoje nestes tempos confusos de covid 19 temos de continuar e superar a ausência física. E ali vamos estar, dentro de um 'ecrãzinho', a criar comunidades. Será que o conseguiremos? Será este o grande desafio? Já conto histórias profissionalmente há mais de uma década e nunca tivemos que nos reinventar tanto – ora fazemos vídeos nas redes sociais, ora contamos ao telefone, ora atuamos em streaming – tudo tentativas para voltar a estarmos juntos. De fato, os contadores de histórias, pelas suas parcas necessidades, têm aparecido em todo o lado na web, mas será isso eficaz perante a audiência? Levo para vocês muitas dúvidas e muita inquietação, porque mais do que mostrar um caminho é questioná-lo para depois o desbloquear. E agora surge esta oportunidade de trabalhar a partir das narrativas que vocês me irão trazer e isso será um regozijo e ali contaremos histórias ficcionadas, mas que, certamente se confundem com as nossas/vossas ou com os nossos princípios, porque aquilo que contamos é aquilo que somos. Este é o lugar de partilha e de encontro entre gentes. Lugar da liberdade criativa e onde tudo pode acontecer. Só depende de nós! Boa viagem!

Carlos Marques



DA CONSTRUÇÃO AO OUVIDO! A PREPARAÇÃO DE UMA SESSÃO DE CONTOS

CARLOS MARQUES

CARLOS MARQUES é ator, criador, músico, contador de histórias e um entusiasmado pelo mundo. Muitas vezes confundido com o seu homónimo e filósofo alemão. Nasceu em Montemor-o-Novo em 1978. É na relação com a palavra e com a música que se tem distinguido no tecido cultural português e também pelo engajamento político das suas obras, ou da escolha de repertório.



Formou-se em Estudos Teatrais na Universidade de Évora e no Institut del Teatre, em Barcelona. Começou a sua atividade profissional em 2002, trabalhando em inúmeras companhias como free lancer.

Em 2010 assumiu-se como encenador/criador e nestes últimos 10 anos criou e deu voz aos espetáculos-concertos “No fio do Azeite” (2019), “Levantei-me do Chão” (2015) e “No dia seguinte ninguém morreu” (2021). Foi cocriador, compositor e músico de “Pontes de Sal” de Joana Craveiro (Citemor 2018/19), “O Assalto” de Susana Cecílio (2018), “Um espetáculo para os meus filhos” de Rui Pina Coelho (2017). Encenou ainda “Como Assim Levantados do Chão” (2014), “Abril em Portugal” (2014), “Constantin Gavrilovitch Acaba de se Matar” (2013), “BAQUET” (2012), “Tio Lobo” (2011) e “Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho” (2010).

Deu voz a dois audiolivros da secção ‘HOT – Histórias Oralmente



DA CONSTRUÇÃO AO OUVIDO! A PREPARAÇÃO DE UMA SESSÃO DE CONTOS

CARLOS MARQUES

Transmissíveis' da editora Boca – Palavras que alimentam: Era, não era (2011) e Tresmalhados (2014).

Gravou e produziu dois álbuns de autor, Levantei-me do chão (2015) e No Fio do Azeite (2019).

Trabalha regularmente como contador de histórias, intervindo em diversas bibliotecas, escolas e em encontros de narração oral (Palavras Andarilhas, Encontro Int. de Narração Oral de Évora, Con-

temfesta, Alden bizen, Jornadas Literárias de Passo Fundo – Brasil, Feria del Libro de Buenos Aires, entre outros).

Colaborou com os centros de língua portuguesa do Instituto Camões (Zagreb, Sófia, Varsóvia e Buenos Aires).

É programador e narrador, anfitrião do Festival da Palavra FESTA DOS CONTOS (Montemor-o-Novo) desde 2009.



Neste módulo final de preparação de uma sessão de contos orientada por Carlos Marques, cuja linha artística se tem pautado pelo trabalho assente na palavra e na música, vai ao encontro da figura unificadora das comunidades, ambicionando fazer regressar a palavra como eixo fundador da 'Polis'. O objetivo principal será a montagem de um exercício prático para a performance narrativa dos alunos, em formato online, que espelhará parte do que foi vivenciado durante todo o percurso da formação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Primeiro encontro

1. Escuta dos contos de cada formando;
2. Procura de uma temática unificadora;
3. Comentários e discussão (enraizamento sobre o que se conta);
4. Início da construção.

Segundo encontro

1. O silêncio como música;
2. A repetição da palavra e a sua perda de sentido;
3. A musicalidade da palavra;
4. Distribuição da primeira colagem.



Terceiro encontro

1. Distribuição dos sentidos;
2. Repetição;
3. Ensaios práticos individuais das histórias escolhidas com todos os elementos.

Quarto encontro

Ensaio geral e técnico para apresentação final

1. Preparações finais para montagem;
2. Ensaio geral e técnico em plataforma digital.

Apresentação pública em formato online

Dia 17 de julho de 2022 com transmissão em directo no canal YouTube Escola de Narradores Online.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAVIS, Patrick. Dicionário do Teatro, Tradução sob direção de J Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva. 2005;

WILSON, Michael. Storytelling and Theatre – contemporary storytellers and their art. New York: Palgrave Macmillan. 2006;

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica.

BROOK, Peter. O espaço vazio, Lisboa: Orfeu Negro. 2008.

FICHA TÉCNICA

2022 - 1º Portal - Portugal Online - Nível 1

© Todos os direitos desta edição reservados à Escola de Narradores.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Organização

Josy Correia e Luciana Costa

Revisão

Luciana Costa

Design Gráfico

Juliana Vidigal

ESCOLA DE NARRADORES

Diretora Geral

Josy Correia

Diretora Técnica

Luciana Costa

Coordenadora (Brasil)

Elisabete Pacheco

Assistente Técnica (Portugal)

Estefânia Surreira

Brasil | Ceará

Sede: Fortaleza - (85) 98842.6248

Filial: Cariri, Crato - (88) 99998.9833

escoladenarradores@gmail.com

Portugal | Lisboa

Sede: Carcavelos - (+351) 966 119 182

escoladenarradorespt@gmail.com

Redes sociais

www.facebook.com/escoladenarradores

Instagram @escoladenarradoresonline

Youtube: Escola de Narradores Online